Fidelidade e hermenêutica de uma Palavra encarnada

Jackson Câmara Silva[1]

Resumo

Este trabalho aborda a maneira de buscar a fidelidade à mensagem de Deus vinculada à necessidade de uma hermenêutica, já presente na própria Bíblia. Isso culmina na vivência de uma Palavra encarnada, fazendo a comunidade de fé buscar respostas para seus dilemas. Para isso, dialogar-se-á com os teólogos De Claude Geffré e Juan Luís Segundo, além de serem citados alguns documentos do Magistério sobre as Sagradas Escrituras e, num contexto latinoamericano, as conclusões de Medellín. O tema instiga os cristãos a verem a Palavra de Deus não desvinculada da realidade, mas comprometida com ela.

Palavras-chave: Fidelidade. Hermenêutica Bíblica. Palavra encarnada.

Introdução

Desde o antigo Israel aos judeus e aos cristãos de hoje, buscou-se a fidelidade à Palavra de Deus mediante sua escuta, seu estudo e sua prática. Por outro lado, sabe-se que a Revelação de Deus se deu através da mediação humana, sobretudo na história e na linguagem e, por isso, faz-se necessário sua interpretação.

Este artigo trabalha a fidelidade à mensagem da Palavra de Deus, sua necessidade de interpretação e sua vivência existencial. Para isso, conta-se com as reflexões dos teólogos De Claude Geffré e Juan Luís Segundo, além das conclusões da II Conferência do Espiscopado Latinoamericano em Medellín (1968) e dos documentos Magisteriais como a Encíclica *Divino Afflante Spiritu* (1943) e a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (1965).

[1] Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte. Esp. em Formação para Vida Religiosa (ISTA-BH). Graduado em Teologia (FAJE-BH) e Filosofia Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integrante do grupo de pesquisa Bíblia e Literatura cristã (FAJE-BH). E-mail: irjackson.nj@gmail.com.

Desse modo, num primeiro momento será desenvolvido o tema da *Fidelidade à mensagem da Palavra de Deus*. Destacar-se-á o papel da exegese e a importância da busca do sentido genuíno das Escrituras, a fim de se evitar cair num fundamentalismo ou em interpretações completamente errôneas e discrepantes à mensagem de fé. Em seguida, será trabalhada a *hermenêutica bíblica*. Exemplos da própria Bíblia serão apresentados, uma vez que fundamentam a existência e a necessidade da interpretação e da reinterpretação ao longo dos tempos. Isso levantará a questão da "mudança de paradigmas", que se distinguirá do conceito de inerrância da Palavra de Deus. O último ponto tratará da *Palavra encarnada na existência humana*. Será demonstrada a necessidade da prática cristã ser mais que um cumprimento de mandamentos ou repetições de conteúdos, mas tocar existencialmente o ser humano, culminando em seu sentido mais genuíno: o Amor a Deus e ao próximo.

Portanto, o leitor observará não só a importância da exegese e da hermenêutica para a fidelidade à Palavra de Deus, mas também a vivência comprometida dessa Palavra. Mais que respostas e verdades herméticas, ela inquieta e provoca o ser humano a abrir-se ao diálogo e às profundas mudanças de sua vida.

1 Fidelidade à mensagem da Palavra de Deus

Diante da pluralidade e da ambiguidade que emerge da interpretação, sobretudo em um mundo multicultural, tenta-se fugir do relativismo e busca-se, de forma muitas vezes angustiante, a certeza na tentativa de ser fiel à mensagem da Palavra de Deus.

Mas em que consiste essa fidelidade? Seria a busca do sentido literal e das línguas dos manuscritos originais para encontrar uma verdade imutável e a autenticidade dos fatos, de um sentido genuíno e cada vez mais puro, próximo da Revelação de Deus? Estaria o sentido literal a serviço de uma busca inesgotável da verdade da linguagem em registrar os eventos de fé tais quais ocorreram ou restringir interpretações completamente distantes e errôneas? A repetição ou

explicação do conteúdo da Palavra de Deus seria necessariamente sinônimo de fidelidade?

A busca por um sentido literal único das Sagradas Escrituras é impossível e sua persistência certamente consiste em um fundamentalismo. Também seria ingenuidade esperar uma revelação direta de Deus sem mediação humana, sobretudo da história e da linguagem. Averiguar uma única teologia e/ou tradição tanto no AT como no NT também é impossível frente aos inúmeros contextos e situações às quais surgiram e foram destinados os textos. Há não só a pluralidade da interpretação, mas também a pluralidade de testemunhos na Bíblia. E mesmo que posteriormente tenha-se delimitado um "cânon" de livros sagrados, a pluralidade ainda continua porque os ouvintes, o tempo e as necessidades da comunidade são diferentes!

A fidelidade à mensagem da Palavra de Deus é essencial para a vida de fé de uma comunidade que tem caminhado ao longo de séculos e procura se identificar cada vez mais com essa Palavra. Nesse sentido, o trabalho da exegese deve contribuir para vencer o limiar entre o fundamentalismo e a delimitação ou consistência do *campo hermenêutico*. Segundo Geffré (2004, p. 113), um dos traços típicos do fundamentalismo é exigir o recuo da história até a fonte imediata dos textos na tentativa de retradução dos fatos resultando em uma *historização da Palavra de Deus*. Assim aconteceu de forma incansável da busca do Jesus histórico e de tudo aquilo que de fato realmente ele falou e viveu. Entretanto, o próprio escrito já é uma interpretação do verbal e não uma mera estenografia e com isso os Evangelhos já manifestam a interpretação de uma comunidade de fé. Além disso, a exegese não pode ser uma busca de legitimação da fé pela história, porque isso é contrário ao próprio movimento da fé, na tentativa de buscar provas (GEFFRÉ, 2004, p. 122).

O avanço das ciências, arqueologia e história das civilizações impulsionaram o estudo bíblico, que mesmo por um lado pendendo para um fundamentalismo, por outro, incentivou a perceber que a interpretação ultrapassa a letra e isso não é sinônimo de infidelidade. Daí, é preciso respeitar todas as instâncias dos autores, da cultura e do meio social. Em 1943, lançada pelo Papa Pio XII, a encíclica *Divino Afflante Spiritu*, já recomendava o estudo das línguas bíblicas, a busca do sentido

literal dos textos, o exame do contexto, o estudo da história, da arqueologia e dos gêneros literários, o esclarecimento da condição social do autor (DAS 19; 20). No Concílio Vaticano II, a Constituição Dogmática *Dei Verbum* confirmará isso, evidenciando a interpretação de como os hagiógrafos transmitiram a mensagem de Deus, levando em conta também os gêneros literários e tendo em mente a unidade da Escritura como Tradição viva de toda a Igreja (DV 12).

Com isso, nesta linha de combate ao fundamentalismo, Geffré (2004, p. 106) defende que a exegese deve considerar que a Palavra de Deus inacessível torna-se presente no texto que é mediado por autores condicionados pelo meio histórico, esquemas mentais e sua capacidade linguística! De fato, a exegese não deve restringir o sentido das Escrituras ao ponto de absolutizá-lo, mas aprofundá-lo na tentativa de evitar discrepâncias e arbitrariedades nas interpretações. Percebendo essas mediações, o exegeta, a serviço da Palavra de Deus (Ibidem, p. 99), contribui para acercar-se, não da "letra" simplesmente, mas daquela comunidade que interpretou a Palavra de Deus e que está em continuidade mediante um processo hermenêutico ao longo dos tempos (GEFFRÉ, 2004, p. 99).

Portanto, não isolando o texto na tradição do passado, nem procurando reproduzi-lo de forma passiva e conteudal para as tradições presentes, a Escritura como ponto de encontro entre elas torna-se Palavra viva e eficaz (Hb 4,12b). Na busca de evitar uma leitura ingênua e superficial da Bíblia, faz-se necessário aprofundar não só história e exegese, mas uma hermenêutica assegurada por uma comunidade de fé.

2 Hermenêutica Bíblica: abertura e crescimento à verdade

Geffré (1989, p. 18-23) em *Da Teologia como hermenêutica* defende a urgência e necessidade de assumir uma teologia hermenêutica na tentativa de: a) sair do embate entre exegetas e teólogos hermeneutas; b) ultrapassar a falsa oposição entre teologia da palavra e teologia da história; c) sair da ingenuidade de apropriar-se de uma verdade hermética buscada: I) seja pela revelação imediata da "inspiração de Deus"; II) seja pela "reprodução jornalística" do fato cristão; III) seja pela transmissão "intacta" e "inviolável" ao longo dos séculos assumida pela

concepção de "dogma"; d) sair de concepção errônea de aproximar hermenêutica com relativismo da verdade em vista da pluralidade de interpretações.

Como vimos, a linguagem não é mera reprodução do evento histórico do passado, mas evento reconstruído, ou seja, que passa pela instância da interpretação e por isso não se pode fugir dela. A própria Bíblia em seu conjunto de livros já realiza várias hermenêuticas dela mesma. Em se tratando de livros, as Crônicas, por exemplo, que aparentemente poderia ser uma reprodução dos livros dos Reis, retoma-os na perspectiva do Reino do Sul (Judá), sobretudo o rei Davi e a cidade de Jerusalém, engrandecendo os aspectos positivos e eliminando os negativos, inclusive excluindo as narrativas que tratam do Reino do Norte (Israel). Os profetas, por sua vez, retomam a Lei de forma parenética a fim de Israel retomar o caminho para o Senhor. Os livros sapienciais medita e enaltece a Lei frente à sabedoria das civilizações circunvizinhas de Israel.

Por outro lado, em *Dogma que Liberta*, Juan Luís Segundo (2000, p. 37; 100; 165) aponta diversos temas veterotestamentários que sofreram uma mudança radical em sua interpretação e não foram meras repetições ou retraduções da tradição. Da inexistência à existência de vida após morte, além da concepção de Sheol à ressurreição dos mortos; da crença em *Adonai*, Deus de Israel como um dentre outros (monolatria), para a crença do Deus único e que não há outro além Dele (monoteísmo); da concepção do justo bem sucedido de um lado e por outro, nem sempre bem sucedido; o embate entre justos e injustos no período do Exílio à contraposição entre sábios e insensatos no Pós-exílio; E ainda os próprios evangelhos fazem inúmeras releituras dos textos veterotestamentários!

Desse modo, a mudança de paradigma não contradiz a *inerrância* da Palavra de Deus, uma vez que a verdade não pode ser interpretada como algo imutável, mas como um processo educativo (SEGUNDO, 2000, p. 403-404), o qual revela que o contexto anterior não era falso, mas insuficiente e por isso a necessidade de crescer na verdade! Na mesma linha, Geffré (1989, p. 22-23) afirma que "todo discurso é provisório, relativo. Não é saber, mas linguagem interpretativa, relativa à perspectiva do que o produz. A verdade é plural porque a própria realidade é multiforme". Por isso, as Sagradas Escrituras nunca podem ser consideradas como "um dado" ou como simples "conteúdo de verdade", que em nome da fidelidade, os

crentes devem apropriar-se, mas sim "testemunho", que mesmo remetendo a eventos históricos, repercute ao longo das tradições.

Nesse círculo hermenêutico nos deparamos com um indivíduo e uma comunidade que experimenta a revelação de Deus em sua história, testemunha e transmite sua fé. Mesmo existindo uma pluralidade de interpretações diante das situações históricas diferentes, há "uma tradição viva, cujo sujeito é a comunidade interpretante e circunscreve um *campo hermenêutico* que exclui interpretações aberrantes ou arbitrárias". Desse modo, uma leitura cristã das Escrituras será sempre hermenêutica, porque interpretamos o texto dentro da mesma tradição em que ele foi escrito. (GEFFRÉ, 1989, p. 47). E isso consiste não em uma mera reconstrução do sentido originário de um evento passado ou retradução do sentido originário numa pluralidade de linguagens, mas em uma criação e produção de novas interpretações com novas figuras (GEFFRÉ, 1989, p. 59).

Portanto, a hermenêutica bíblica perpassa uma *continuidade* de uma tradição anterior, que "bebe" da tradição cristã e que pela dinamicidade da Palavra de Deus também apresenta uma *ruptura*, no sentido de ser criativa ao ponto de se tornar fecunda e atuante na comunidade de fé atual.

3 Uma Palavra encarnada na existência humana

Depois de se averiguar que a fidelidade à mensagem da Palavra de Deus não se reduz à sua "historização", mas que perpassa uma hermenêutica criativa de mudança de paradigmas e de continuidade de uma tradição, chega-se à reflexão de como essa Palavra se manifesta encarnada na realidade humana, sobretudo no contexto latino americano.

O *campo hermenêutico*, que Geffré (1989, p. 86) identifica como "*Espaço de verdade*" compõe-se da comunidade de intérpretes, auxiliados pela exegese que acaba revelando algo da comunidade de intérpretes primitiva (originária do texto), e que são "Produtores" e não "repetidores" de uma hermenêutica que vê a verdade como um processo argumentativo intersubjetivo de consenso sem violência. Entretanto, o mesmo autor afirma que o lugar de produção de sentido e de verificação da mensagem cristã é a prática cristã (GEFFRÉ, 1989, p. 28).

Quando se fala em praticar a Palavra de Deus, não se pode entender simplesmente como um seguimento dos mandamentos prescritos na Bíblia como um conjunto de leis obrigatórias passíveis de punição. Essa talvez fosse a forte marca da teologia deuteronomista que procurou justificar o exílio de Israel. A Bíblia como um livro sagrado, mais que histórias e mandamentos a serem cumpridos, deve tocar o íntimo do ser humano, fazendo-o identificar-se essencialmente com essa Palavra.

Certamente por isso, a II Conferência do Episcopado Latinoamericano em Medellín (1968) instigou assumir a fidelidade da mensagem do Evangelho, ultrapassando a mera repetição ou explicação, adotando uma postura de uma Palavra encarnada na existência humana (MEDELLÍN, Catequese, n. 3). Num continente majoritariamente cristão, porém marcado pela violência, pobreza, miséria, desigualdades sociais e tantas mazelas, a experiência de uma Palavra encarnada procure acabar com o descompasso entre mensagem e prática cristã. Como Palavra viva transformadora da realidade, sua proclamação visa provocar transformação nas estruturas políticas, sociais, econômicas, educacionais, sendo resposta urgente não somente para os cristãos, mas, sobretudo àqueles completamente excluídos e sem dignidade, encarnando-se profundamente em cada ser humano.

A Igreja latino-americana em Medellín procurou não somente apresentar critérios de interpretação das Sagradas Escrituras como fizeram oportunamente os documentos pontifícios sobre *Interpretação da Bíblia na Igreja* em 1993 da Pontifícia Comissão Bíblica e a exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* em 2010 sobre a Palavra de Deus na Vida e Missão da Igreja, mas ser "Espaço de Verdade". A Igreja não é chamada a ser simplesmente Mestra e detentora da interpretação, porém uma comunidade de fé que parte de seus próprios dilemas e procura provocar uma autêntica escuta da Palavra de Deus e interpretando os "sinais dos tempos".

Portanto, "a unidade multiforme da fé" ancorada pelo campo hermenêutico, que bebe das origens das comunidades cristãs é averiguada em uma fé prática e existencial. Certamente o sentido mais genuíno e uníssono das Escrituras a ser buscado incansavelmente seja o Amor a Deus e ao próximo. Essa máxima cristã

perpassada ao longo dos séculos, uma vez assumida de forma encarnada deve repercutir na vida dos cristãos e em toda humanidade.

Considerações finais

A fidelidade à mensagem da Palavra de Deus muitas vezes foi interpretada como busca incansável de uma verdade, mediante o sentido único das Escrituras e que deve ser passada ao longo das tradições. Se de um lado a busca pelo sentido literal da Bíblia pela exegese resultou no recuo da história até a fonte imediata dos textos para reproduzir os fatos consistindo numa historização da Palavra de Deus (um dos traços do fundamentalismo), por outro, contribuiu para evitar discrepâncias e arbitrariedades nas interpretações e delimitar um *campo hermenêutico*.

Se a linguagem sendo evento reconstruído já necessita de interpretação, a própria Bíblia já apresenta várias hermenêuticas dela mesma, resultando mudanças de paradigmas, o que não é sinônimo de inerrância ou infidelidade, mas *crescer na verdade* de acordo com Luís Segundo. Daí, na hermenêutica bíblica, segundo Geffré, não só encontrarmos *continuidade* de uma tradição anterior, mas também encontrarmos *ruptura* criativa que a torna fecunda e precisar ser verificada na prática cristã. Nisso, Medellín apontou para uma vivência encarnada da Palavra de Deus para América Latina, marcada por contradições, chamada a ultrapassar "a mera repetição de conteúdos".

Portanto, ser fiel e aprofundar as Sagradas Escrituras não somente requer história e exegese, nem somente o inevitável papel da hermenêutica assegurado em uma comunidade de fé, mas assumir de forma comprometida a Palavra de Deus. Ela deve nos inquietar e provocar uma mudança radical em nossa vida para que seja repercutida de forma uníssona no amor.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004

II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO: **Conclusões de**

Medellín. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 1968.

CONCÍLIO VATICANO II: **Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina**. 14ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

GEFRRÉ, Claude. **Da Teologia como hermenêutica. Como fazer teologia hoje**: hermenêutica teológica, São Paulo: Paulinas, 1989, p. 18-87.

GEFFRÉ, Claude. O neofundamentalismo na Igreja. In: GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar:** a virada hermenêutica da Teologia. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 83-129.

LUIS SEGUNDO, Juan. **O dogma que liberta: fé, revelação e magistério dogmático.** 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

PIO XII. Papa. **Divino Afflante Spiritu**: carta encíclica de Sua Santidade o Papa Pio XII sobre o modo mais oportuno de promover os estudos da Sagrada Escritura. São Paulo: Paulinas, 1965.